

Filosofia de Gelo e Fogo

BERNAT ROCA,
FRANCESC VILAPRINYÓ,
DAVID CANTO

Filosofia de Gelo e Fogo

*As Chaves para Compreender
a Guerra dos Tronos*

Tradução:
Ana Lourenço



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015

Robert Baratheon, um rei dionisiaco

O amor é doce, querido Ned, mas não pode mudar a natureza de um homem.

LYANNA STARK, *A Guerra dos Tronos*

Robert Baratheon é no início da saga o rei dos Sete Reinos. Como chefe da Casa Baratheon, chegou ao poder depois da Rebelião de Robert ou Guerra do Usurpador. Robert é interpretado pelo ator Mark Addy e é um rei por quem sentimos pena e simpatia. D. B. Weiss, produtor executivo e argumentista da série da HBO, avalia assim a interpretação de Mark:

O primeiro vídeo que vi das audições para o elenco de A Guerra dos Tronos foi o teste de Mark Addy para o papel de Robert. Depois de assistir à primeira cena, pensei: «Este processo de seleção vai ser muito fácil! O primeiro ator que vejo é a personificação perfeita da personagem.»

No entanto, os maiores momentos de glória de Robert Baratheon não aparecem no ecrã, pois são eventos que ocorreram anos antes, durante a Rebelião de Robert. Recordemos o fragmento no livro *A Guerra dos Tronos*:

Tinham chegado juntos ao vau do Tridente enquanto a batalha rugia em seu redor, Robert com o seu martelo de batalha e o seu grande elmo das hastes de veado e o príncipe Targaryen

revestido de uma armadura negra. No peitoral trazia o dragão de três cabeças da sua Casa, todo trabalhado com rubis que relampejavam como fogo à luz do Sol. As águas do Tridente corriam vermelhas sob os cascos dos seus cavalos de batalha, enquanto eles andavam em círculos e entrechocavam as armas, uma e outra vez, até que, por fim, um tremendo golpe do martelo de Robert abriu um rombo no dragão e no peito que estava por baixo. Quando Ned finalmente chegou ao local, Rhaegar jazia morto na corrente, enquanto homens de ambos os exércitos esgaravataavam as águas rodopiantes em busca de rubis que se tivessem soltado da sua armadura.

Entre o épico e o *pathos*. Robert a derrotar o príncipe Targaryen e inclinando a balança da guerra. No fim desta batalha decisiva para a história de milhões de pessoas, alguns soldados mergulham nas águas à procura dos rubis da armadura do príncipe caído. Tragicomédia. Esse é o momento fulcral para Robert Baratheon, homem de guerra, mas não rei da paz. A partir desse instante, os Lannister, liderados pelo jogador de xadrez Tywin, irão juntar-se ao Lobo, ao Veado e à Águia (os homens do Vale liderados por Jon Arryn, que tinha sido tutor de Ned Stark e Robert) para dar cheque à antiga dinastia Targaryen. O mate será executado por Jaime Lannister, o Regicida, na solidão da sala do Trono de Ferro.

O rei Robert: a caricatura de Camelot

Robert Baratheon não é um modelo de rei ideal. No ciclo do Graal, o rei Artur é o modelo perfeito de soberano: justo, querido e amado por todos os seus cavaleiros e súbditos do reino idealizado de Camelot. Por outro lado, Robert representa em *A Guerra dos Tronos* precisamente o contrário. É um rei mulhereengo e alcoólico que não é amado nem pela própria mulher. Também é um rei cornudo, embora nisso se pareça com o de Camelot.

Robert não preside a uma Távola Redonda de nobres cavaleiros, mas é cercado por um conselho de personagens intriguistas e que procuram a sua ruína. Algo de que o avisa Ned Stark, o seu melhor amigo, que, ante a oferta de aceitar o cargo oferecido por Robert, expõe as seguintes dúvidas sobre a corte de Porto Real:

As únicas verdades que conheço estão aqui. O Sul é um ninho de víboras que eu faria bem em evitar.

Nada mais próximo da verdade e um presságio para o futuro. Pouco depois destas palavras, Robert e Eddard estarão mortos. O passar dos anos não foi favorável a Robert, que não apreciava a vida familiar nem a paz, como é evidenciado pela descrição feita dele ao chegar a Winterfell para visitar Ned Stark:

Uma barba tão grosseira e negra como fio de ferro cobria-lhe a face para lhe esconder o duplo queixo e o descaimento das reais bochechas, mas nada conseguia esconder-lhe o estômago ou os círculos escuros sob os olhos.

Robert é um guerreiro diminuído. Bom guerreiro, mau marido e péssimo governante. A sua tendência para a pândega é algo que vem do passado, mas a sua amargura aumentou com os anos. Ao descer até à cripta de Winterfell para ver o túmulo de Lyanna, o amor da sua juventude, explica-se o seguinte:

Robert Baratheon sempre fora um homem de enormes apetites, um homem que sabia como conquistar os seus prazeres. Essa não era uma acusação que alguém pudesse deixar à porta de Eddard Stark. No entanto, Ned não podia evitar aperceber-se de que esses prazeres estavam a cobrar o seu preço ao rei. Robert respirava pesadamente quando chegaram ao fundo das escadas, com a cara vermelha à luz da lanterna quando penetraram na escuridão da cripta.

Ao ser prometida a Robert Baratheon, uma jovem Lyanna confessara ao irmão a desconfiança em relação a um homem que não era de uma única mulher. A citação é eloquente:

O amor é doce, querido Ned, mas não pode mudar a natureza de um homem.

Também é evidente que o peso da coroa e a maldição do Trono de Ferro tornam a tarefa de governar os Sete Reinos demasiado pesada para alguém como Robert, já que ele próprio faz a seguinte confissão a Eddard Stark:

Juro-te, estar sentado num trono é mil vezes mais difícil que conquistar um. [...] Juro-te, nunca me senti tão vivo como quando estava a ganhar este trono, nem tão morto como agora que o possuo.

O amargo dom da beleza

A beleza de Lyanna provoca a Rebelião de Robert, causada pelo rapto (embora existam outras versões da história) da jovem por Rhaegar Targaryen, príncipe herdeiro de Aerys II. Ressoam aqui ecos da Guerra de Troia causada pela beleza de Helena, uma ideia que paira em toda a obra de Martin. A tensão entre o amor e o ódio, entre a beleza feminina e a fúria masculina, entre as belas e os monstros. Recordemos algumas palavras de Melisandre que iremos comentar ao longo deste ensaio:

Há gelo e há fogo. Ódio e amor. Amargura e doçura. Macho e fêmea. Dor e prazer. Inverno e verão. Mal e bem. Morte e vida. Em toda a parte há opostos. Em toda a parte há a guerra.

Esta Rebelião de Robert provoca uma terrível guerra e a queda dos Targaryen. A guerra podia ter sido evitada se Robert tivesse

reconsiderado, tal como o próprio Eddard lhe diz num pequeno diálogo que reflete um dos principais temas de *As Crônicas de Gelo e Fogo*: a verdade escondida sob a superfície, muitas vezes envolta na beleza das aparências. Lemos:

Não chegastes a conhecer Lyanna como eu conheci, Robert. Vistes-lhe a beleza, mas não o ferro que tinha por baixo. Ela ter-vos-ia dito que não tendes nada a fazer no corpo a corpo.

Mas os homens tropeçam sempre nas mesmas pedras, e, como dizia Karl Marx, filósofo do materialismo dialético: «A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.» Os acontecimentos remontam a anos atrás e os vivos são influenciados pelo passado, pois vimos ao mundo herdeiros de uma gramática, de recordações, de uma memória. E é muito difícil fazer tábua rasa. Algo que Tyrion Lannister, sempre perspicaz e clarividente, expõe muito bem: «Tudo vem de trás e mais de trás, das nossas mães e pais e antes dos deles. Somos marionetas a dançar, presos nos cordéis daqueles que chegaram antes de nós, e um dia os nossos filhos tomarão os nossos cordéis e dançarão no nosso lugar.»

Que Robert continua apaixonado por Lyanna é um facto provado, pelo menos para Cersei, a bela e infiel mulher de Robert. Ela própria nos conta em *A Guerra dos Tronos*:

Ainda ama a irmã dele, a insípida miudinha morta de dezasseis anos. Quanto tempo demorará a decidir pôr-me de lado em favor de alguma nova Lyanna?

Não tardará muito a estalar outra guerra, pois ainda em Winterfell acontece algo que acende o pavio de um novo conflito: Jaime empurra o curioso e intrometido Bran Stark da janela abaixo e a roda da fortuna começa a girar novamente. Alguns segundos antes, Cersei, que se encontra em segredo com o irmão Jaime, interroga-se, de forma premonitória ao puro estilo Martin:

Que acontecerá quando o Robert morrer e o Joff subir ao trono? E quanto mais depressa isso acontecer, mais seguros estaremos todos.

Guinevere e Lancelot, os amantes adúlteros de Camelot. Mas nem Cersei é Guinevere nem Jaime é Lancelot (pois ambos são irmãos) e nem Robert é Artur, antes uma antítese do soberano de Camelot. A Rebelião de Robert tem alguns atos injustificáveis, entre os quais o fim trágico de Elia Martell e dos seus filhos, um crime em relação ao qual Robert e Tywin não têm as mãos nada limpas, como pode ser inferido a partir desta passagem:

Ned não simulou surpresa; o ódio de Robert pelos Targaryen era nele uma loucura. Lembrava-se das palavras iradas que tinham trocado quando Tywin Lannister presenteara Robert com os cadáveres da esposa e filhos de Rhaegar em sinal de fidelidade. Ned chamara àquilo assassínio; Robert chamara-lhe guerra.

Robert aceita alegremente a oferta atroz de Lorde Tywin, os corpos do bebé herdeiro e da pequena Rhaenys. Continuam os ecos de Troia: Rhaegar perde o duelo decisivo como Heitor; os dois filhos dos vencidos (Aegon e Astíanax, respetivamente) são atirados contra a parede pelos vencedores. E este horror, como na Guerra de Troia, persegue os vencedores. Robert fica amaldiçoado, pois não gera mais do que bastardos, Eddard perderá o seu filho primogénito num futuro não muito distante, Jaime tem um filho louco que desconhece a sua verdadeira origem...

O infanticídio durante o saque de Porto Real e o aval que recebe de Robert marca toda uma geração dos Sete Reinos. A morte cruel dos seus jovens sobrinhos justifica uma das obsessões de Doran Martell, patriarca de Dorne e Senhor de Lançassolar: proteger as crianças. Doran argumenta que é fácil para um rei enviar os seus soldados, mas são as crianças que morrem. Doran Martell, um príncipe interessante, este sim mais próximo do filósofo rei

de Platão. Lorde Varys, conselheiro do rei, que em criança foi vítima da violência dos adultos, diz algo semelhante na seguinte citação:

Porque são sempre os inocentes a sofrer mais, quando vós, os grandes senhores, jogais o vosso jogo dos tronos?

Sem dúvida, um dos temas transversais à obra de George Martin é o de como os fracos sofrem a violência dos fortes. Como revelaremos mais tarde, a sua obra é sobre o Poder, mas também contra o Poder. E, acima de tudo, a perda da inocência.

O veado coroadado e o homem enjaulado

Alguns homens são como espadas, feitos para lutar. Pendura-os e enferrujam.

DONAL NOYE, *ferreiro da Muralha*

Como descreve magistralmente o velho ferreiro dos Baratheon que está com Jon Snow na Patrulha da Noite, Robert é o caso clássico do homem que se sente melhor no estado natural da guerra – a *bellum omnia omnes* de que falava Hobbes –, pois a paz e a aborrecida gestão dos assuntos mundanos são mais adequadas a filósofos e burocratas. O seu destino podia ser o nosso. Um psicanalista diria a Robert que a sua dependência da bebida é uma saída fácil para os desaires com Cersei e a cujo ardor ele não dá a resposta correta. Um rapaz que perdeu jovem os pais preso no corpo de um rei degradado. Friedrich Nietzsche, filósofo do martelo, seria mais indulgente com ele e veria o que ele é: um homem trágico que vive a vida até ao limite preso numa corte rígida. Não lhe chamaria Super-homem, porque há nele ressentimento e melancolia. Só lhe reprovava não ter dado livre curso aos seus sonhos de guerreiro. A terapia de Freud seria uma dis-

pendiosa psicanálise, mas Nietzsche recomendar-lhe-ia declarar guerra a alguém. Talvez começar novas guerras fosse o que ele esperava ao conceder ao seu irmão de armas, Eddard Stark, o cargo de Mão do Rei, ou talvez quisesse apenas lembrar-se de histórias de guerra. Tudo isto se reflete exatamente nesta confissão sincera do rei a Eddard, ao mais puro estilo Robert:

Deixa-me contar-te um segredo, Ned. Mais de uma vez sonhei em renunciar à coroa. Embarcar para as Cidades Livres com o meu cavalo e o meu martelo, passar o tempo a fazer a guerra e entre as rameiras. Foi para isso que nasci. O rei mercenário. Como me adorariam os cantores! Sabes o que me impediu? A ideia de ver Joffrey no trono, com Cersei atrás dele, a segredar-lhe ao ouvido. O meu filho. Como pude eu fazer um filho assim, Ned?

Está tudo aqui: o sonho como caminho para os desejos inconscientes, a festa e a glória. E a suspeita, a suspeita sobre a identidade de Joffrey. O inconsciente intui coisas que o consciente não pode aceitar para não estragar a realidade, a mentira sobre a qual o reino descansa. Freud e Nietzsche, mestres da suspeita.

Donal Noye faz uma interessante descrição dos três irmãos Baratheon (Robert, Stannis e Renly) e compara-os a três metais (aço, ferro e cobre). Martin converte um ferreiro num filósofo brilhante. Considere-se o fragmento de *A Fúria dos Reis*:

Robert era verdadeiro aço. Stannis é ferro verdadeiro, negro, duro e forte, é verdade, mas quebradiço, como acontece com o ferro. Quebrará antes de dobrar. E Renly, esse é cobre, claro e brilhante, bonito de ver mas no fim de contas sem grande valor.

É interessante porque estas comparações remetem-nos para a poesia épica de Hesíodo e para a filosofia de Platão, onde se classificam os homens em Ouro, Prata e Bronze segundo o seu valor, apesar de em Hesíodo prevalecer a força e o épico e Platão,

pelo contrário, reservar o Ouro para os sábios e filósofos. Platão defendia que o mundo não estaria bem até que os filósofos fossem governantes e os governantes filósofos. Robert um rei filósofo? Nem um pouco. Robert é antes um rei dionisiaco: apaixonado, bebedor, excessivo. O contrário do que defendia Platão.

Grandes procriadores de bastardos

A imagem de Robert I, o restaurador da justiça após os excessos do Rei Louco Aerys II, tem várias leituras e referências. Rotulado de «usurpador» por aqueles leais a Targaryen, o papel de Robert recorda-nos o que tiveram na história de Inglaterra Henrique IV e Henrique VII, que destronaram em 1399 e 1485, respetivamente, reis conhecidos pela sua impopularidade. Mas o modelo do rei guerreiro e dionisiaco assemelha-o talvez muito mais a outros soberanos. Como um inglês, Ricardo Coração de Leão, herói militar das Cruzadas e um dos grandes generais da Idade Média. O historiador inglês Steven Runciman foi claro sobre Ricardo e as suas palavras poderiam servir a respeito de Robert: «Foi mau filho, mau marido e mau rei, mas um soldado corajoso e excelente.» No seu regresso das Cruzadas foi temporariamente preso pelo imperador da Alemanha e, segundo a lenda, teve de ouvir Blondel, o Trovador, a tocar alaúde junto à torre onde estava preso. Por fim, Ricardo morreu a sitiá-lo o castelo de Châlus-Chabrol, uma fortaleza francesa de pouca importância, morreu às mãos de uma criança humilde armada com uma frigideira e uma besta. Num último ato de magnanimidade, a criança foi perdoada.

Outro rei amante dos combates e com pouca capacidade de governação foi Jaime, o *Conquistador*. O rei de Aragão também foi um guerreiro implacável, um hábil militar, com uma longa lista de bastardos. Perdeu, como Robert, os pais cedo e foi um amante fogo e capaz de mandar cortar a língua ao bispo de Girona, que o admoestou num sermão por algumas aventuras

sexuais. É o que reza a lenda, mas há uma variante em que o bispo violou o segredo de confissão. Filipe II da Macedónia, outro barbudo ilustre, viveu «à Robert» na sua vida privada, com o ódio da mulher Olímpia, enquanto procriava bastardos e se embebedava em festas sem fim. Foi um comandante de renome e realizou muitas conquistas. Ricardo, Jaime, Filipe II, Robert Baratheon, homens procriadores de bastardos, grandes senhores da guerra que, embora fossem cruéis como era costume no seu tempo, também souberam perdoar. E todos tiveram um final triste, sem a paz que homens menos merecedores têm atingido no seu leito de morte.

Coda

«Pacífica é a vida de um povo que se lê com tédio», escreveu o filósofo Montesquieu. A morte de Robert desencadeia uma terrível guerra: a Guerra dos Cinco Reis. A morte do rei Robert Baratheon é um facto que, aparentemente, resulta do infortúnio, mas que esconde o crime perfeito. Depois da sua morte há preságios terríveis, um rio de profetas enche as ruas, o renascimento dos Dragões marca o regresso da magia a Westeros, o inverno está a chegar... Esta morte é vagamente reminescente da de João I de Aragão, cujo fim em Girona numa caçada sinistra quase provocou uma guerra civil em Aragão no século XIV, e terminou com Bernat Metge e vários conselheiros do rei na prisão. Há um fragmento que descreve prosaicamente o ambiente após a morte de Robert. A arenga vocal de um flagelante anónimo num beco de Porto Real diante de um atordoado Tyrion Lannister:

O orgulho vem antes da oração, vermes governam os nossos castelos, e o ouro é tudo... mas basta! O Verão Putrefacto chegou ao fim e o Rei Devasso foi derrubado! Quando o javali o abriu, um grande fedor subiu ao céu, e um milhar de serpentes deslizou da sua barriga. – Voltou a abanar o dedo ossudo na

*direção do cometa e do castelo. – Ali vem o Mensageiro!
Purificai-vos, gritam os deuses, temei os puros! Banhai-vos no
vinho da proibidade, ou sereis banhados em fogo!*

ROBERT BARATHEON

Robert teve uma grande gesta que justifica a sua coroa: a batalha do Tridente na qual derrota o príncipe Rhaegar Targaryen.

A estrela de Robert apaga-se quando ele chega ao trono, já que se constrói não apenas na sua façanha militar, mas também sobre três cadáveres inocentes.

É um homem que os anos e a coroa desgastaram. É um bom guerreiro, mau marido e péssimo governante.

Robert é a antítese do rei Artur e assemelha-se bastante mais a soberanos como Filipe II da Macedónia, Ricardo Coração de Leão ou Jaime I, o *Conquistador*.